



Alfredo Matos Ferreira, um arquitecto na sombra da Escola do Porto

Faculdade de Arquitectura do Porto acolhe terceira exposição sobre este arquitecto da geração de Álvaro Siza cujos arquivos foram doados ao Instituto Marques da Silva. Programa de evocação conclui-se em 2018

Arquitectura
Sérgio C. Andrade

Na história da arquitectura em Portugal, será possível identificar, muito abreviadamente, a chamada “Escola do Porto” numa genealogia que passa por Carlos Ramos, Fernando Távora e Álvaro Siza, prolongando-se depois com Alcino Soutinho, Pedro Ramalho, Eduardo Souto de Moura, Nuno Brandão Costa, Camilo Rebelo... Mas é também possível vê-la, de uma forma mais horizontal, no grupo de meia dúzia de jovens estudantes de Arquitectura na Escola de Belas-Artes que, na década de 50, se reuniram na Sala 35 de um edifício da Praça da Liberdade: Siza, Alberto Neves, António Menêres, Joaquim Sampaio, Luís Botelho Dias, Vasco Macieira Mendes e, o mais velho deles, Alfredo Matos Ferreira. Todos nomes que ficaram um pouco na sombra de Siza e da própria história mais oficial da Escola do Porto.

É a obra de Alfredo Matos Ferreira (1928-2015), figura discreta e reservada, que agora vive o momento forte de um programa de divulgação lançado em Dezembro do ano passado na sequência da doação, pela família, dos seus arquivos à Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS), a que seguiu, anteontem, a inauguração, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), da exposição *Alfredo Matos Ferreira – Da condição da arquitectura como expressão e sentido do comum* (até 3 de Fevereiro).

Com curadoria do professor e investigador Manuel Mendes, a vida e a obra do arquitecto têm vindo a ser revisitadas em seis momentos. O primeiro aconteceu com a exposição *Terra d’Alva*, que teve “um carácter muito afectivo, ligado às origens do arquitecto em Trás-os-Montes”, e também “o propósito de desmontar certos estigmas da historiografia que o classifica como um produto do Inquérito [à Arquitectura Popular de Portugal]”, explica o comissário.

Na mesma altura, foi lançado o livro *Memória*, concretização de um projecto autobiográfico que a morte do arquitecto interrompeu em 2015.



O bairro que projectou para o projecto SAAL, na Lapa, foi a obra mais importante da sua vida

Com prefácio de Siza e textos de Sérgio Fernandez e Victor Oliveira, reúne desenhos, projectos e fichas de trabalho deste “cidadão-arquitecto”, como lhe chama Manuel Mendes.

A FIMS tem ainda patente na Casatelier Marques da Silva uma segunda exposição, *Construir um paraíso perdido/ Por uma casa livre*, que documenta o projecto (não concretizado) que Ferreira e Siza elaboraram entre 1961 e 1967 para uma habitação na Parede.

A encerrar esta exposição, a 18 de Janeiro, será lançado o catálogo respectivo. O terceiro livro irá surgir ao longo de 2018, com Manuel Mendes a explicar o percurso e a obra de Alfredo Matos Ferreira, contemplando já as descobertas entretanto decorrentes da investigação que está a fazer sobre os arquivos.

A cidadania da arquitectura

“Alfredo Matos Ferreira era uma pessoa recolhida e reservada, que não gostava de se mostrar e que tinha inclusivamente algumas desconfianças sobre o seu próprio trabalho”, explicou ao PÚBLICO Manuel Mendes. Mas o comissário e investigador não



“Alfredo Matos Ferreira não gostava de se mostrar e tinha inclusivamente algumas desconfianças sobre o seu próprio trabalho”

tem dúvidas em inscrever este nome no conjunto de arquitectos que fizeram a Escola do Porto. Ferreira e os restantes inquilinos da Sala 35 (como, mais tarde, de um novo escritório na Rua do Duque da Terceira, mais perto das Belas-Artes) “fizeram parte de um grupo que sobretudo travou uma luta bastante importante pelo ofício e pela cidadania da arquitectura”, nota Manuel Mendes.

“Esta gente fez arquitectura de uma forma natural, lutando pelo reconhecimento do seu trabalho e do estatuto respectivo”, acrescenta, realçando a circunstância de todos eles se reunirem à volta de “um arquitecto portentosíssimo, o Siza, de quem todos reconheciam e elogiavam as qualidades”.

Historicamente, todos, à excepção de Alfredo Matos Ferreira, acabariam a trabalhar no escritório de Fernando Távora. Certamente devido ao facto de ser mais velho e ter outras condições económicas, Ferreira viria a estabelecer-se sozinho, e só mais tarde, já nos anos 70/80, é que se tornaria sócio do atelier de Távora – com quem trabalhou, por exemplo, no Solar do Vinho do Porto, na Régua,

e na Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães.

Antes disso, colaborou com outras figuras de referência da arquitectura do Porto, como Mário Abreu, seu primo, e Arménio Losa. Em nome próprio, assinou em 1959 o projecto de uma habitação multifamiliar no Porto (na actual Rua do Arquitecto Marques da Silva) que Manuel Mendes considera ser um dos edifícios mais marcantes da centena de projectos que assinou – e onde Álvaro Siza acabou também por habitar.

De Viana a Trás-os-Montes

A exposição agora patente na FAUP começa com a maquete do projecto de urbanização de Viana do Castelo oriental (1995), que não chegou a ser utilizado pela autarquia, e com quatro retratos que Siza fez em 1959 do jovem arquitecto. Prolonga-se depois por quatro capítulos que abordam a formação, o ensino (foi professor na ESBAP entre 1976 e 1998), e mostram desenhos e projectos também documentados com fotografias – como as que testemunham a sua intervenção no projecto SAAL, no bairro portuense da Lapa, em 1974-76, e que ele chegou a considerar “a obra mais importante da [sua] vida”.

O “coração” da mostra está na sala em meia-lua com plantas e projectos dispostos como se fossem os dedos da mão, a testemunhar a sua colaboração com vários arquitectos, mas também aventuras individuais como a participação no concurso para a Ópera da Bastilha, em Paris, e principalmente a atenção que sempre deu à sua Trás-os-Montes natal, entre Moncorvo e Barca d’Alva, para onde projectou a sua primeira “Casa do Feitor”.

Manuel Mendes sustenta que a presente exposição tem mais de 90 por cento de materiais inéditos, testemunhando “uma obra de resistência, de liberdade criativa e que nunca foi seguidista nem relativamente ao Movimento Moderno nem ao Inquérito”. “Apesar da sua discrição, Alfredo Matos Ferreira sempre quis ter a sua voz própria, sem reverência a ninguém”, atesta o curador.

sandrade@publico.pt